

Domingo X do Tempo Comum – Ano A – 07.06.2026



Viver a Palavra

Desconcerta-me sempre a prontidão com que respondem os que são chamados por Jesus nos relatos evangélicos. Mateus está sentado, no posto de cobrança dos impostos, Jesus passa, vê-o, diz-lhe «segue-Me» e «ele levantou-se e seguiu Jesus». A sobriedade do relato, aliada à decidida e pronta resposta de Mateus que se faz seguimento, revela a radicalidade que implica seguir Jesus. Se por um lado nos espanta a pronta resposta àquele chamamento, por outro, interpela-nos a ausência de questões e resistências. É humanamente legítimo sentir dúvidas, colocar questões e sentir dificuldade em sair da nossa zona de conforto, mas um relato vocacional não é uma narrativa de horizonte meramente humano. É a narrativa do olhar divino sobre a nossa humanidade, revelando muito mais do coração misericordioso de Deus que da nossa frágil humanidade.

Deus onnipotente, onisciente e omnipresente e tudo aquilo que Dele podemos dizer para falar da Sua total e radical separação do que é frágil e tangível assume a natureza humana em Jesus Cristo e faz da nossa humanidade lugar de manifestação da Sua divindade. A frágil condição humana não é necessariamente um obstáculo à graça de Deus, mas o lugar escolhido por Deus para revelar a Sua divindade. Se em Mateus, Pedro e André ou Tiago e João a resposta ao chamamento do Mestre se faz pronta e decidida, percorrendo os evangelhos percebemos como esta resposta se traduziu num processo contínuo e progressivo de acolhimento da pessoa e da mensagem de Jesus. Acolher a iniciativa de Jesus na nossa vida implica uma adesão decidida e pronta, mas consciente do processo permanente de conversão a que somos chamados. A vida da fé é tarefa sempre inacabada e um processo contínuo, onde a tarefa primeira é deixar-se olhar por Jesus.

Percorrendo os caminhos da Judeia e da Galileia, Jesus cruza a vida de Deus com a vida da humanidade. Nos gestos e palavras de Jesus, a Igreja é chamada a encontrar as coordenadas fundamentais para a sua ação no mundo. Ser Igreja em Saída e Hospital de Campanha, partir ao encontro de quantos permanecem longe e sendo hábil na arte de curar as feridas do coração e da vida. Não nos serve uma ação eclesial distante do mundo, tampouco um cristianismo que não seja desenhado na lógica da encarnação. Não somos os sadios que não precisam de médico, mas os pecadores que necessitam da medicinal misericórdia de Deus e, curados pelo Seu amor e pela Sua graça, tornamo-nos curadores feridos. Temos de aprender esta arte de sair ao encontro de quantos vivem nas periferias existenciais e propor um evangelho que se faz caminho e proximidade, misericórdia e encontro. Habitar o sentido do humano e o horizonte antropológico contemporâneo implica deixar-se olhar por Jesus e ser portador desse olhar para quantos se cruzam connosco no caminho.

Jesus Cristo reivindica a misericórdia, preterindo-a aos sacrifícios e holocaustos. Jesus reivindica o coração humano, mais do que qualquer sacrifício de touros e carneiros. A nossa frágil condição humana só pode ser curada pela misericórdia do Deus que nos convoca para a missão: «segue-Me!». A nós cabe-nos confiar na promessa de Deus a nosso respeito, mesmo quando parece desafiar o humano nos seus limites, tal como Abraão que é chamado a ser pai de uma numerosa descendência na idade avançada da sua vida e sendo a sua esposa estéril.

Deus torna fecunda a terra árida do nosso coração «com a chuva da Primavera sobre a face da terra» e rasga horizontes de esperança na misericordiosa e acolhedora mesa da Eucaristia: a mesa da festa e da alegria, onde os pecadores se abrem à graça. *in Voz Portucalense.*

+++++

No dia de 12 de junho, Sexta-feira depois do segundo Domingo depois do Pentecostes, celebramos a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus. Este dia é também dedicado à oração pela santificação dos sacerdotes. Deste modo, celebrando o amor misericordioso de Jesus revelado pelo Seu coração cheio de amor, somos convidados a rezar pela santificação daqueles a quem o Senhor confiou o ministério ordenado. As

Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Oseias 6,3-6

Leitura da Profecia de Oseias

Procuremos conhecer o Senhor.

A sua vinda é certa como a aurora.

**Virá a nós como o aguaceiro de Outono,
como a chuva da Primavera sobre a face da terra.**

«Que farei por ti, Efraim? Que farei por ti, Judá?»

– diz o Senhor –

**«O vosso amor é como o nevoeiro da manhã,
como o orvalho da madrugada, que logo se evapora.**

Por isso vos castiguei por meio dos Profetas

e vos matei com palavras da minha boca;

e o meu direito resplandece como a luz.

Porque Eu quero a misericórdia e não o sacrifício,

o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos».

CONTEXTO

Oseias exerceu o seu ministério profético no reino do Norte (Israel), a partir de 750 a.C., numa época bastante conturbada.

Em termos políticos, é uma fase marcada pela violência, pela insegurança e pelo derramamento de sangue. Os reinados são curtos e terminam invariavelmente em revoluções, assassínios, massacres... Por outro lado, o aventureirismo dos dirigentes e os jogos de alianças políticas com as potências da época causam grande instabilidade e anunciam o desastre nacional e a perda da independência (o que acontece alguns anos mais tarde, em 721 a.C., quando a Samaria é arrasada por Salamanasar V, da Assíria).

Em termos religiosos, é uma época de grande confusão... Exposto à influência cultural e religiosa dos povos circunvizinhos, Israel acolhe diversos deuses estrangeiros que coabitam com Jahwéh, no coração do Povo e nos centros religiosos. Mistura-se o Jahwismo com os cultos de Baal e Astarte; embora Jahwéh continue a ser oficialmente o Deus nacional, é, a nível popular, bastante preterido em favor dos deuses cananeus. Por outro lado, as alianças políticas com os povos estrangeiros significam que Israel já não confia em Deus e que prefere pôr a sua confiança e a sua esperança nos guerreiros, nos cavalos, nos carros de guerra das superpotências; dessa forma, a Assíria e o Egito deixam de ser realidades terrenas e humanas, para se tornarem – aos olhos dos israelitas – novos deuses, capazes de salvar. O Povo passa a confiar neles, prescindindo de Jahwéh. Oseias sente profundamente o drama do sincretismo religioso que está a pôr em perigo a fé do seu Povo. A sua mensagem apela a que Israel não se deixe dominar pela idolatria (a que Oseias chama “prostituição”: o Povo é como uma “esposa” que abandonou o “marido” para correr atrás dos “amantes”). O profeta convida o seu Povo a redescobrir o amor de Jahwéh – sempre presente na história de Israel – e a responder-Lhe com uma vontade sincera de viver em comunhão com Ele. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

A reflexão pode fazer-se a partir das seguintes questões:

- O problema principal que aqui nos é posto é o da nossa relação com Deus. Deus chama-nos a viver em aliança com Ele... Como é que nós respondemos ao “chamamento” de Deus? Com uma adesão verdadeira e sincera, que implica a totalidade da nossa vida, ou com um compromisso de “meias tintas”, sem exigência nem radicalidade?

- Como numa relação humana, também na nossa relação com Deus a rotina, a monotonia e o cansaço podem descolorir o amor. Entramos então num esquema religioso de resposta a Deus, que se baseia em gestos rituais, talvez corretos do ponto de vista litúrgico, mas que não são a expressão dos sentimentos do nosso coração. A minha oração é um repetir fielmente uma cassete gravada de antemão, ou é um momento íntimo de encontro com o Senhor e de resposta ao seu amor? A Eucaristia é, para mim, um ritual obrigatório, que eu cumpro diária ou semanalmente porque está no horário, ou é esse momento fundamental de encontro com o Deus que me dá a sua Palavra e o seu Pão?

• O culto a Deus, sem o amor ao irmão, não faz sentido. O nosso compromisso com Deus tem de se concretizar em obras em favor dos homens e em gestos libertadores, que levem ternura, misericórdia, à vida de todos aqueles que Deus coloca no nosso caminho. *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – SALMO 49 (50)

Refrão 1: A quem segue o caminho recto darei a salvação de Deus.

Refrão 2: A quem procede rectamente farei ver a salvação de Deus.

**Falou o Senhor, Deus soberano,
e convocou a terra, do Oriente ao Ocidente:
«Não é pelos sacrifícios que Eu te repreendo:
os teus holocaustos estão sempre na minha presença.
Se tivesse fome, não to diria,
porque meu é o mundo e tudo o que nele existe.
Comerei porventura as carnes dos touros
ou beberei o sangue dos cabritos?
Oferece a Deus sacrifícios de louvor
e cumpre os votos feitos ao Altíssimo.
Invoca-Me no dia da tribulação:
Eu te livrarei e tu Me darás glória».**

LEITURA II – Romanos 4,18-25

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos Irmãos:

**Contra toda a esperança, Abraão acreditou que havia de tornar-se pai de muitas nações, como tinha sido anunciado:
«Assim será a tua descendência».
Sem vacilar na fé,
não tomou em consideração nem a falta de vigor do seu corpo,
pois tinha quase cem anos,
nem a falta de vitalidade do seio materno de Sara.
Perante a promessa de Deus,
não se deixou abalar pela desconfiança,
antes se fortaleceu na fé, dando glória a Deus,
plenamente convencido
de que Deus era capaz de cumprir o que tinha prometido.
Por este motivo é que isto «lhe foi atribuído como justiça».
Não é só por causa dele que está escrito «Foi-lhe atribuído»,
mas também por causa de nós,
que acreditamos n’Aquele que ressuscitou dos mortos,
Jesus, Nosso Senhor,
que foi entregue à morte por causa das nossas faltas
e ressuscitou para nossa justificação.**

CONTEXTO:

Quando Paulo escreveu aos romanos, preocupava-o bastante a ameaça de cisão da Igreja: os cristãos oriundos do judaísmo e os cristãos oriundos do paganismo tinham perspectivas diferentes da salvação e pareciam em rota de colisão. As crises recentes em Corinto e na Galácia convenceram Paulo da gravidade da situação. Esse problema também era sentido em Roma? No ano 49, um édito do imperador Cláudio obrigara os judeus a deixar Roma; a comunidade cristã ficara então totalmente entregue aos cristãos de origem pagã... Mas em 57/58, muitos judeus tinham já regressado e a comunidade cristã contava outra vez com um grupo significativo de judeo-cristãos. Estes, ao retornarem, encontraram uma comunidade cristã com características diferentes da que tinham deixado, dirigida por cristãos convertidos diretamente do paganismo e completamente emancipada em relação às tradições judaicas. É de crer que os cristãos de origem judaica não se sentissem bem acolhidos e que não se coibissem de criticar as novas orientações. A questão provocou uma certa instabilidade na comunidade.

Dirigindo-se aos romanos e à Igreja em geral, o apóstolo vai procurar sublinhar aquilo que deve unir todos os crentes – judeus, gregos ou romanos. Para Paulo, apesar da universalidade do pecado (nesse espeto, judeus e não judeus estão em pé de igualdade), Deus oferece a todos, de forma gratuita, a mesma salvação e de todos

faz, em igualdade de circunstâncias, seus filhos. É por Cristo que essa salvação é oferecida aos homens. O cumprimento da Lei não salva, pois, a salvação é um dom de Deus. Ao homem, resta-lhe acolher esse dom na fé (a fé é, neste contexto, entendida como adesão à proposta de salvação que, em Cristo, Deus oferece aos homens).

Como exemplo, Paulo apresenta a figura de Abraão (cf. Rom 4,1-12). O apóstolo demonstra que essa figura modelar para judeus e pagãos não foi salva pela Lei nem pelas obras, mas pela fé. O texto que nos é proposto insere-se neste ambiente. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

A reflexão pode fazer-se a partir das seguintes linhas:

- Este texto convida-nos a tomar consciência daquilo que deve ser a essência da nossa experiência religiosa. Manter uma relação verdadeira e forte com Deus não é primordialmente praticar todos os actos de piedade que conhecemos ou que inventamos, observar escrupulosamente os mandamentos da santa Igreja, ou cumprir à letra cada parágrafo do código de direito canónico... A “justificação” não está na Lei, mas na fé; por isso, a nossa experiência religiosa deve ser um encontro com esse Deus do amor, que nos oferece gratuitamente a salvação; e desse encontro deve resultar um abraçar a proposta de Deus, com total confiança e com total entrega.

- Se a salvação é sempre um dom do amor de Deus e não uma conquista nossa, não se justifica qualquer atitude de arrogância ou de exigência do homem face a Deus. Temos de aprender a ver tudo o que somos e temos, não como a retribuição pelo nosso bom comportamento, mas como um dom gratuito de Deus – dom que nunca merecemos, por mais “bonzinhos” que sejamos. Diante dos dons de Deus, resta-nos o louvor e o agradecimento, por um lado, e a confiança, a entrega e a obediência, por outro.

- A reflexão de Paulo convida-nos, na mesma linha, a corrigir a imagem que fazemos de Deus... Ele não é um comerciante esperto, que paga com a mercadoria que tem em stock (a salvação) uma outra mercadoria que nós lhe vendemos (o nosso bom comportamento). Deus não precisa do nosso bom comportamento para nada... A salvação que Ele nos oferece é algo totalmente gratuito, que resulta do seu amor infinito e da sua vontade de nos ver plenamente felizes e realizados.

- Como é que eu respondo ao dom de Deus? Com o orgulho e a auto-suficiência de quem não precisa de Deus para ser feliz e para se realizar? Com a “esperteza saloia” de quem pretende negociar com Deus para obter a salvação? Ou com o reconhecimento de que a salvação é um dom não merecido que, apesar de tudo, Deus me oferece e me convida a acolher? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 9,9-13

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,

Jesus ia a passar,

quando viu um homem chamado Mateus,

sentado no posto de cobrança dos impostos,

e disse-lhe: «Segue-Me».

Ele levantou-se e seguiu Jesus.

Um dia em que Jesus estava à mesa em casa de Mateus,

muitos publicanos e pecadores

vieram sentar-se com Ele e os seus discípulos.

Vendo isto, os fariseus diziam aos discípulos:

**«Por que motivo é que o vosso Mestre
come com os publicanos e os pecadores?».**

Jesus ouviu-os e respondeu:

**«Não são os que têm saúde que precisam de médico,
mas sim os doentes.**

Ide aprender o que significa:

‘Prefiro a misericórdia ao sacrifício’.

**Porque Eu não vim chamar os justos,
mas os pecadores».**

CONTEXTO

O nosso texto faz parte de uma longa secção, na qual Mateus põe Jesus – com as suas palavras e as suas ações – a anunciar o “Reino”. Essa secção vai de Mt 4,23 a 9,35.

Na primeira parte da secção (cf. Mt 5-7), Mateus apresenta o “sermão da montanha”: num discurso magnífico, Jesus apresenta a “lei” e o programa desse “Reino” que Ele veio propor: é o anúncio do “Reino” por palavras.

Na segunda parte da secção (cf. Mt 8-9), Mateus apresenta o anúncio do “Reino” através das ações de Jesus. O autor coloca-nos diante de três conjuntos de ações ou “milagres” de Jesus que tornam presente a realidade do “Reino” (cf. Mt 8,1-15; 8,23-9,8; 9,18-31); entre cada um desses conjuntos aparecem reflexões sobre o significado dos “gestos” de Jesus e apelos ao seu seguimento... O nosso texto (cf. Mt 9,9-13) insere-se precisamente neste esquema: é um apelo ao seguimento de Jesus

Em resumo, temos nesta secção o anúncio do “Reino” nas palavras e nos gestos de Jesus. As palavras de Jesus anunciam a chegada desse mundo novo no qual os pobres e os débeis receberão a salvação de Deus; os gestos de Jesus mostram a realidade desse tempo novo de felicidade, de alegria, de libertação para todos. Os discípulos, evidentemente, são convidados a aderir a esse “Reino” que Jesus vem propor e a tornarem-se testemunhas desse mundo novo.

O texto que nos é proposto apresenta dois episódios distintos. No primeiro, temos o chamamento do publicano Mateus (vers. 9); no segundo, temos a descrição de um banquete em casa de Mateus e de uma controvérsia com os fariseus (cf. vers. 10-13).

Os publicanos estavam catalogados como pecadores públicos notórios. Eram os cobradores de impostos que, além de estarem ao serviço do opressor romano, tinham a fama (e é preciso dizer, também o proveito) de explorarem os pobres. A linguagem oficial associava-os aos ladrões, aos pagãos, aos assassinos e às prostitutas. Os publicanos eram considerados, para todos os efeitos, pecadores públicos, permanentemente afetados de impureza e que nem sequer podiam fazer penitência, pois eram incapazes de reconhecer todos aqueles a quem tinham defraudado. Os fariseus, muito ciosos da sua santidade, mudavam de passeio quando, na rua, viam um publicano vir ao seu encontro.

Eram, portanto, gente desclassificada (apesar de rica), impura, considerada amaldiçoada por Deus e, portanto, completamente à margem da salvação.

Tudo isto nos permite perceber o inaudito da situação criada por Jesus: Ele não só chama um publicano para o seu grupo de discípulos, como também aceita sentar-se à mesa com ele (estabelecendo assim com ele laços de familiaridade, de fraternidade, de comunhão). O comportamento de Jesus é, não só atentatório da moral e dos bons costumes, mas uma verdadeira provocação. *in Dehonianos.*

ACTUALIZAÇÃO

A reflexão e a partilha desta Palavra podem fazer-se contando com os seguintes dados:

- A questão essencial é esta: Deus tem um projeto de salvação e de vida plena que oferece, de forma gratuita, a todos os homens. Essa salvação é um dom e não algo que nós podemos exigir de Deus. Todos os homens são chamados a fazer parte da comunidade do “Reino”: Deus não exclui nem discrimina ninguém. O que é decisivo não é o cumprimento das leis e das regras, mas a forma como respondemos ao chamamento que Deus nos faz. Podemos ficar numa atitude de autossuficiência, achando que não precisamos do dom de Deus porque cumprimos os mandamentos e achamos que Deus não tem outra solução senão salvar-nos; ou podemos escutar o chamamento de Deus, aderir à sua proposta, tornarmo-nos discípulos, seguir confiadamente Jesus no seu caminho de amor e de entrega. De acordo com a catequese de Mateus, a primeira atitude exclui-nos da comunidade da salvação, enquanto a segunda atitude nos integra na comunidade do “Reino”. Em que atitude estou eu?

- A história de Mateus dá-nos algumas indicações acerca da forma como responder ao chamamento de Deus. Mateus, convidado por Jesus a integrar a comunidade do “Reino”, considerou tudo como secundário, abandonou os projetos pessoais (que passavam pela aposta nos bens materiais, mesmo se conseguidos com recurso à exploração e à injustiça) e correu atrás de Jesus. É esta resposta pronta, decidida, radical, plena, que eu dou aos desafios de Deus? O “Reino” é, para mim, algo de fundamental, que se sobrepõe a todos os outros valores, ou um projeto secundário, que me ocupa nas horas vagas, mas não é uma prioridade na minha vida?

- A Palavra de Deus que aqui nos é proposta sugere também que na comunidade do “Reino” não há cristãos de primeira e cristãos de segunda (conforme cumprem ou não as leis e as regras). O que há é pessoas a quem Deus chama e que respondem ou não ao seu convite. De qualquer forma, não pode haver, na comunidade cristã, qualquer tipo de discriminação ou de marginalização... *in Dehonianos.*

Para os leitores:

A **primeira leitura** tem a marca da esperança que deve transparecer, na proclamação da leitura. Além disso, devem ter cuidado na proclamação das duas perguntas presentes no texto, evitando a entoação no final da frase que é um vocativo.

Na **segunda leitura**, devem ter cuidado nas pausas e respirações, sobretudo nas frases mais longas e com diversas orações.